



NEOFASCISMO NO BRASIL: O LOCAL, O GLOBAL E AS CIRCULAÇÕES

Neo-fascism in Brazil: The Local, The Global, and The Circulations

Janaina Cordeiro^a

 <https://orcid.org/0000-0002-0594-5113>

E-mail: janainamcordeiro@gmail.com

^a Universidade Federal Fluminense, professora de História Contemporânea, Niterói, RJ, Brasil.

DEBATE

NEOFASCISMO NO BRASIL/NEO-FASCISM IN BRAZIL/NEOFASCISMO EN BRASIL

RESUMO

O presente artigo constitui um breve comentário a respeito do artigo do historiador Odilon Caldeira Neto, intitulado *O neofascismo no Brasil, do local ao global?* Sob este aspecto, o texto procura inserir a proposta do autor em um debate historiográfico mais amplo a respeito do crescimento dos estudos sobre as direitas e, particularmente, sobre as extremas-direitas, tanto no cenário brasileiro como internacional. Em seguida, discuto o argumento do autor a respeito da passagem de uma história local dos movimentos neofascistas no Brasil para uma perspectiva global, propondo também a hipótese de uma história conectada dos grupos neofascistas desde a segunda metade do século XX.

PALAVRAS-CHAVES

Neofascismo. História global. Brasil.

ABSTRACT

This paper is a brief commentary on the article by historian Odilon Caldeira Neto, entitled *Neofascism in Brazil, from local to global?* In this aspect, the text seeks to insert the author's proposal in a wider historiographical debate about the growth of studies on the right wing, and particularly on the radical right, both in the Brazilian and international scenario. Next, I discuss the author's argument concerning the passage from a local history of neofascist movements in Brazil to a global perspective, also proposing the hypothesis of a connected history of neo-fascist groups since the second half of the twentieth century.

KEYWORDS

Neo-fascism. Global History. Brazil.

Em seu estudo sobre o neofascismo no Brasil, o historiador Odilon Caldeira Neto procura refletir sobre as conexões globais destes grupos, sobretudo a partir do processo de redemocratização. O artigo, sob esse aspecto, traz valiosas contribuições ao campo de estudos das direitas e das direitas radicais no Brasil. Em primeiro lugar, porque propõe uma avaliação pormenorizada do fenômeno do neofascismo – sua historicidade, tipificações e ramificações –, bem como sobre as singularidades do desenvolvimento histórico de tais grupos no Brasil. Em segundo lugar, porém não menos importante, porque busca refletir sobre as conexões globais de tais grupos em sua complexidade, considerando, para tanto, a pluralidade dos grupos e os limites de tais conexões.

Nesse sentido, a análise proposta por Caldeira Neto, bem como parte expressiva da produção acadêmica do autor, insere-se em um contexto mais amplo de crescimento, quantitativo e qualitativo, dos estudos sobre as direitas no Brasil. As direitas – em particular as radicais –, seu pensamento e suas formas de organização e atuação política, de forma geral, atraíram pouco interesse dos historiadores ao longo dos anos. Ao observarmos, por exemplo, algumas das análises mais importantes elaboradas sobre partidos e movimentos sociais de direita no Brasil, pelo menos até a década de 1990, notamos que parte expressiva destes trabalhos foi realizada por cientistas políticos, sociólogos, jornalistas.¹

Não obstante, recentemente, o interesse de historiadores pelo tema, no Brasil, conheceu expressivo crescimento. Em certo sentido, tal interesse acompanha movimentos mais amplos da historiografia internacional que veio, progressivamente, olhando com redobrada atenção para o crescimento de tendências radicais de direita após 2001. Isso porque, este período marcou também, em diversas partes do mundo, o crescimento de partidos e grupos políticos de extrema-direita. Na Europa, por exemplo, tais movimentos, muitos dos quais possuindo já larga história no continente, tiveram expressivo desenvolvimento em eleições nacionais a partir de 2001, mas também, ampliaram de forma significativa sua presença no Parlamento Europeu, sobretudo a partir da segunda década do novo século.

Assim, o aumento do interesse acadêmico pelo tema não deixa de ser, ao menos em certa medida, reflexo do crescimento político e institucional dos grupos de direita radical. Sob este aspecto, os pesquisadores dedicados ao tema vêm se preocupando em compreender não apenas as formas de organização e atuação política e partidária destes grupos ao longo do século XX e das primeiras décadas do século XXI, mas também suas tradições, pensamentos, redes de sociabilidade, ritos e rituais que conformam e dão sentido a um fenômeno político cada vez mais importante em âmbito global. Podemos observar uma tendência acadêmica internacional mais ampla, difícil de se dissociar do gradual crescimento político das direitas radicais em várias partes do mundo, no sentido de afirmar que a díade esquerda/direita não só ainda é importante politicamente, como também é válida academicamente para compreendermos os sujeitos históricos, seus modos de atuação política, cultura e formas de mobilização social (Cf. BIARD, 2019; MOTTA; BOISARD; BOHOSLAVSKY, 2019).

Michel Winock (1995), historiador das direitas francesas no século XX, nos lembra que por muito tempo, a palavra “direita” pertenceu apenas ao vocabulário das pessoas de esquerda, como forma, inclusive, de acusação, não raro em tom pejorativo. Analisando especificamente o contexto francês após a Segunda Guerra Mundial, Winock (1995) avalia

¹ Entre os historiadores, talvez seja o caso de marcar os trabalhos sobre integralismo como exceção, os quais atraíram atenção dos pesquisadores pelo menos desde as décadas de 1960 e 1970 e continuou a ser objeto de interesse nas décadas seguintes (Cf.: TRINDADE, 2016a e 2016b; GERTZ, 1987) Mesmo esses, no entanto, ganharam mais recentemente renovado interesse, tendo em vista a ascensão de novos movimentos e grupos políticos que reivindicam a herança integralista (GONÇALVES; CALDEIRA NETO, 2020).

que o termo “direita” permaneceu associado aos derrotados do conflito: a “direita era tudo aquilo que se opunha à República, à laicidade, ao antifascismo, à Resistência. Apenas a extrema-direita se dizia direita” (WINOCK, 1995, p. 7).

De um modo mais amplo, a avaliação de Winock (1995) para o caso francês poderia ser estendida, sem grandes dificuldades, à Europa Ocidental de maneira mais ampla. E, mesmo quando pensamos no Brasil após o fim da ditadura militar, é possível falar de um fenômeno similar, embora com motivações e impactos distintos no processo de redemocratização. Caldeira Neto, aliás, nos lembra bem a feliz expressão “direita envergonhada”, empregada por Leôncio Martins Rodrigues, ainda em 1987, para analisar o perfil político-partidário da Constituinte.

O fato é que, seja na Europa do pós-guerra ou no Brasil da redemocratização, o apagamento – mais memorialístico que propriamente político – da direita trouxe consequências importantes para o modo como a sociedade passou a lidar com estes grupos, partidos e movimentos e, particularmente, com a extrema-direita. De um modo geral e especificamente no caso do Brasil, o olhar debochado para a direita radical tendeu a dominar o debate político. O riso e a zombaria apareciam como forma de minimizar a importância de tais grupos, suas ideias e práticas, menosprezando seu enraizamento em tradições nacionais bem estabelecidas. Veja-se, a esse respeito, a própria tese de Caldeira Neto (2016) sobre o Partido de Reedificação da Ordem Nacional (PRONA). No estudo realizado pelo autor, em diversos momentos, fica bem demonstrado o tratamento dado pela imprensa nacional não apenas ao partido, mas também à sua liderança máxima, o médico Enéas Carneiro. Em certo momento, o *Jornal do Brasil*, por exemplo, chegou a caracterizar o candidato como um “bufão patético” (CALDEIRA NETO, 2016, p. 222).

Assim, durante longo tempo, houve uma forte tendência, acadêmica inclusive, a olhar para as direitas radicais como “grupos paranoicos” ou insignificantes politicamente. Tal olhar ajuda a compreender, em parte, o desinteresse dos historiadores pelo tema. O cenário, contudo, alterou-se e esta visão anedótica das direitas radicais e neofascistas vem dando lugar a preocupações por melhor compreender seu pensamento, ideologia e tradições, bem como suas formas de ação, as redes constituídas – em âmbito local e global – e a atuação institucional. O abandono desta perspectiva, portanto, ajuda a compreender melhor o (res)surgimento da extrema-direita no cenário político do século XXI não propriamente como uma novidade surpreendente, mas chamando atenção para a capacidade de reinvenção e adaptação dos muitos grupos do tipo, os quais, com mais ou menos destaque, nunca deixaram de estar presentes no cenário político do século XX, mesmo após a derrota de 1945.

A proposta apresentada por Caldeira Neto no artigo *O neofascismo no Brasil, do local ao global?* insere-se justamente neste esforço de renovação sobre os estudos das direitas no Brasil. Partindo do suposto consenso segundo o qual a “ultradireita é um fenômeno global”, Caldeira Neto analisa em primeiro lugar, a pluralidade destes grupos, seu enraizamento histórico e seus espaços de atuação. Assim, uma vez compreendido como entende os grupos neofascistas no Brasil, o autor passa a analisar os diálogos, as relações, leituras e conexões destes grupos com seus congêneres internacionais.

O ponto de interrogação presente no título do trabalho indica já os limites das conexões globais dos grupos neofascistas brasileiros, conforme compreendido pelo autor. A hipótese defendida por Caldeira Neto e que, em certa medida justifica o ponto de interrogação, centra-se na diversidade dos grupos neofascistas brasileiros, mas sobretudo, no aparecimento tardio de uma direita neofascista no Brasil. Veja-se, por exemplo, o caso da Europa, berço do fascismo histórico. Ali, segundo demonstra Caldeira, a emergência do fenômeno neofascista se configurou (e reconfigurou), ainda que lentamente, após a derrota do fascismo em 1945. Conquanto possuíssem características essencialmente continuístas

nesse momento, os pequenos grupos neofascistas tenderam, ao longo dos anos, a se diversificarem e incorporarem pautas e referências políticas de extrema-direita, mas que iam muito além do saudosismo com relação ao fascismo histórico.

No Brasil, contudo, segundo analisa Caldeira Neto, os marcos de emergência do neofascismo se localizam de modo mais tardio: em 1975, quando da morte do líder integralista Plínio Salgado e em 1985, a partir do processo de redemocratização, após o fim da ditadura militar de 1964. Esse caráter tardio do desenvolvimento de grupos neofascistas, em alguma medida, impactou e limitou, para Caldeira Neto (2022), a importância de determinadas vertentes – a neonazista principalmente – e de suas conexões internacionais.

No caso do neointegralismo, também, um dos movimentos neofascistas de maior capilaridade no Brasil, o autor avalia que as conexões internacionais são “bastante pontuais” (CALDEIRA NETO, 2022). É quando trata da vertente negacionista do neofascismo que as conexões transnacionais aparecem de forma mais acentuada. O que, possivelmente, se deve à própria forma de atuação internacional destes grupos. Frequentemente e de maneira equivocada, chamados de “revisionistas”, os negacionistas reivindicam, ao formular seus argumentos, determinado respaldo acadêmico e científico (ROLLEMBERG; CORDEIRO, 2021, p. 77). Segundo Debora Lipstat (1994, p. 141), a forma de organização dos negacionistas pretendia, justamente, “mover a negação da margem lunática do extremismo racial e antissemita para o domínio da respeitabilidade acadêmica”. Por isso, os negacionistas organizam-se em torno de casas editoriais, “institutos de pesquisa” e revistas internacionais, promovendo, através destes organismos, encontros internacionais e debates sobre suas “hipóteses”. Este é o caso do *Institute for Historical Review* (IHR), um dos mais famosos “institutos de pesquisa” dedicados à negação do Holocausto. Fundado em 1978, na Califórnia, o grupo era também responsável pela publicação do *Journal of Historical Review* (JHR) e, como demonstra Caldeira, inspirou, no Brasil, a fundação do Centro Nacional de Pesquisas Históricas (CNPH), em 1992.

Segundo Caldeira, foi no alvorecer do século XXI, mais precisamente a partir da década de 2010, com a ascensão de outras vertentes da extrema-direita no Brasil, ligadas, por exemplo, à Nouvelle Droite ou à Quarta Teoria Política do ideólogo russo Aleksandr Dugin, que os diálogos transnacionais da extrema-direita brasileira se intensificaram. A própria vertente neofascista, nesse contexto, diversificou-se, passando a buscar diálogos internacionais de forma mais recorrente. Para o autor, as três tendências que teriam marcado o neofascismo brasileiro entre as décadas de 1980 e 2000 – quais sejam, a neonazista, a neointegralista e a negacionista – foram expressivamente transformadas e tensionadas pela emergência de uma extrema-direita cada vez mais plural, as quais, por sua vez, “carregam consigo dinâmicas próprias de diálogos e ambições internacionais” (CALDEIRA NETO, 2022).

Em certo sentido, portanto, o que o historiador nos propõe é um estudo sobre a história das direitas neofascistas no Brasil e de como, com o passar das décadas, elas foram se transformando, agregando novas dinâmicas e referências e abandonando outras pelo caminho. Neste processo, foram, aos poucos, deixando uma posição predominantemente “local” – ou nacional – e tornando-se cada vez mais “globais”.

Nesse ponto, justamente, é que cabe questionar: em vez de compreender a história das direitas neofascistas no Brasil como um caminho percorrido de uma perspectiva “local” para outra “global”, não seria mais proveitoso compreendê-la a partir da dinâmica permanente e das relações estabelecidas entre o micro e o macro? Aqui, noções como as de *histórias conectadas*, fruto dos trabalhos de historiadores especialistas do “sistema imperial”, poderiam servir a interessantes avaliações. Isso porque, ao mesmo tempo em que procuram refletir primeiramente em termos de contatos e de circulações imateriais,

analisando fenômenos de aculturação, transferências e mestiçagens, em uma perspectiva que não é quantitativa, atentam-se aos contextos mais gerais, mesmo quando se dedicam a buscar conexões e interligações.

A abordagem, portanto, é global na medida em que visa a se emancipar dos ditames colocados pelas fronteiras dos Estados Nacionais para apreender as relações, passagens, influências, transferências, parentescos e até mesmo continuidades há muito ignoradas ou minimizadas por uma perspectiva centrada essencialmente nas histórias nacionais. Em certo sentido, é a isto que o historiador indiano Sanjay Subrahmanyam (1997) se refere quando fala em “história conectada”. Nessa proposta, o historiador desempenharia “o papel de electricista no restabelecimento das conexões continentais e intercontinentais que as historiografias nacionais esconderam ao impermeabilizar suas fronteiras” (DOUKI; MINNARD, 2007, p. 13).

Em outras palavras, o que Subrahmanyam (1997) propõe é que, ao pensarmos em conexões supranacionais, não deixemos de considerar os processos e os fluxos de circulação de ideias e contrastes mentais os quais, de maneira geral, não se restringem às fronteiras políticas nacionais. Sob este aspecto, mesmo que tais ideias e “expressões mentais” tenham encontrado formas de manifestação local específica, elas nos permitem observar que estamos lidando não com histórias separadas e comparáveis, mas sim, com histórias conectadas (1997, p. 748).

Este não seria, portanto, um caminho interessante para pensar a história dos movimentos neofascistas no Brasil? Caldeira Neto avalia que, embora tenha existido desde os primeiros momentos do neofascismo brasileiro uma propensão à busca por diálogos internacionais, estes “foram em grande medida frustrados por uma série de fatores”: desde o caráter tardio da formação dos grupos neofascistas no Brasil, passando pelas singularidades do processo de transição democrática, ao caráter continuísta do neointegralismo (principal expressão do neofascismo no Brasil), o qual “não advoga explicitamente a necessidade de uma interlocução internacional por excelência” (2022). O autor também evoca “a questão da identidade europeia e do pan-europeísmo” – matrizes do neofascismo europeu e estadunidense – como barreiras para a “apropriação destas variáveis no cenário neofascista brasileiro” (CALDEIRA NETO, 2022).

Para além da apropriação, contudo, não seria o caso de pensarmos em termos de circulação de ideias? De propor uma *história conectada* dos movimentos neofascistas a partir da segunda metade do século XX, atenta aos processos de circulação de “formas culturais ou de imaginários políticos (ZUNIGA, 2007, p. 61)? O próprio trabalho de Caldeira Neto abre perspectivas interessantes e potencialmente inovadoras nesse sentido, qual seja, o da conexão entre práticas políticas e culturais destes grupos para muito além das fronteiras nacionais. Ao mesmo tempo, ao indicar os limites dessas “conexões”, a proposta apresentada aqui pelo historiador pode oferecer mecanismos importantes para refletirmos sobre a necessidade de considerarmos o horizonte social específico – nacional, inclusive – das circulações que estudamos, “prestando atenção aos modos de apropriação, negociação, adaptação, etc.; aos horizontes de recepção; e aos contextos sociais que tanto permitem como moldam essas circulações” (DOUKI; MINNARD, 2007, p. 15).

REFERÊNCIAS

BIARD, Benjamin. *L'extrême droite en Europe occidentale (2004-2019)*. Bruxelles: CRISP, 2019.

CALDEIRA NETO, Odilon. *"Nosso nome é Enéas!": Partido de Reedificação da Ordem Nacional (1989-2006)*. Tese de Doutorado. Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2016.



DOUKI, Caroline; MINARD, Philippe. Global History, Connected Histories: A Shift of Historiographical Scale?. *Revue d'Histoire Moderne & Contemporaine*, n. 54-4bis, p. 7-21, 2007.

GERTZ, René. *O fascismo no sul do Brasil: germanismo, nazismo, integralismo*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

GONÇALVES, Leandro P.; CALDEIRA NETO, Odilon. *O fascismo em camisas verdes. Do Integralismo ao Neointegralismo*. Rio de Janeiro: FGV, 2020.

LIPSTADT, Deborah E. *Denying the Holocaust. The Growing Assault on Truth and Memory*. Plume, 1994

MOTTA, Rodrigo P. S.; BOISARD, Stephan; BOHOSLAVSKY, Ernesto. *Pensar as direitas na América Latina*. São Paulo: Alameda, 2019.

ROLLEMBERG, Denise; CORDEIRO, Janaína M. Revisionismo e negacionismo: controvérsias. *História, Histórias*, v. 9, p. 58-98, 2021.

SUBRAHMANYAM, Sanjay. Connected Histories: Notes towards a Reconfiguration of Early Modern Eurasia. *Modern Asian Studies*, v. 31, n. 3, p. 735-762, jul. 1997.

TRINDADE, Hélió. *Integralismo: o fascismo brasileiro da década de 1930*. 3.ed. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2016.

TRINDADE, Hélió. *A tentação fascista no Brasil: imaginário de dirigentes e militantes integralistas*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2016.

WINOCK, Michel. Présentation. In: *La droite depuis 1789. Les hommes, les idées, les réseaux*. Paris: Éditions du Seuil, 1995.

ZUNIGA, Jean-Paul. L'histoire impériale à l'heure de l'histoire globale. Une perspective atlantique. *Revue d'Histoire Moderne & Contemporaine*, n. 54-4bis, p. 53-68, 2007.

NOTAS DE AUTOR

AUTORIA

Janaína Cordeiro: Doutora em História Social pela Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, Brasil. Professora de História Contemporânea da UFF, Pesquisadora do CNPq e Jovem Cientista do Nosso Estado da FAPERJ.

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA

Universidade Federal Fluminense, Departamento de História, Bloco O, Rua Professor Marcos Waldemar de Freitas Reis, São Domingos – Niterói, RJ, Brasil, 24210201.

ORIGEM DO ARTIGO

Não se aplica.

FINANCIAMENTO

As reflexões presentes neste artigo inserem-se, de modo mais amplo, no âmbito das pesquisas desenvolvidas em dois projetos que contam com financiamento do CNPq, através da concessão de uma Bolsa de Produtividade Nível 2 e da FAPERJ, através da concessão de uma Bolsa Jovem Cientista do Nosso Estado.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.



APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Nenhum conflito de interesse foi relatado.

DISPONIBILIDADE DE DADOS E MATERIAIS

Os conteúdos subjacentes ao artigo estão nele contidos

PREPRINT

O artigo não é um preprint.

LICENÇA DE USO

© Janaína Cordeiro. Este artigo está licenciado sob a [Licença Creative Commons CC-BY](#). Com essa licença você pode compartilhar, adaptar e criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em História. Portal de Periódicos UFSC. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES

Jo Klanovicz (Editor-chefe).

Fabio Morales.

HISTÓRICO

Recebido em: 13 de dezembro de 2022

Aprovado em: 23 de janeiro de 2023

Como citar: CORDEIRO, Janaína. Neofascismo no Brasil: o local, o global e as circulações. Esboços, Florianópolis, v. 29, n. 52, p. 657-664, set./dez. 2022.

